



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,  
Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Africa Today**

**Publicada em 12 de novembro de 2007**

**Jornalista:** Uma das prioridades mencionadas pelo Sr. Presidente nos últimos encontros é a democratização da energia na África. Como se pode alcançar essa meta?

**Presidente:** Na África há países produtores e exportadores de petróleo e outros que são obrigados a importá-lo. Muitos têm, igualmente, enorme potencial hidroelétrico, que começa a ser explorado com a construção de barragens. Algumas dessas obras têm contado com o financiamento e a engenharia do Brasil.

Estamos agora propondo que se examine o potencial dos biocombustíveis. Desde que respeitadas as necessidades e realidades de cada país, o etanol e o biodiesel estão entre as mais eficientes fontes renováveis de energia. Podem constituir alternativas - ou complemento - aos derivados do petróleo, especialmente em países com condições de solo e clima favoráveis ao plantio eficiente das biomassas. O etanol e o biodiesel podem ser utilizados como combustíveis para veículos e para a geração de termelétricidade. Começam a ser utilizados, igualmente, na indústria bioquímica, para a produção de plásticos, fertilizantes, medicamentos e novos materiais. Contribuem, assim, para um moderno e ambientalmente sustentável processo de industrialização.

No momento em que aumenta o número de países que produzem parte de sua própria energia, se democratiza o acesso à energia e aumenta a segurança energética de todos. Para se ter uma idéia, estaríamos passando de aproximadamente 20 países produtores de petróleo para mais de 100 com



potencial de geração de biocombustíveis. É bom que se tenha presente que o Brasil - hoje tão empenhado na produção de biocombustíveis - é desde o ano passado auto-suficiente em petróleo.

A democratização também se dá do ponto de vista social. Em meu país estamos estimulando a produção de biomassas pelo pequeno produtor rural, o que permite dispor de energia em comunidades agrícolas distantes das redes de transmissão de energia. O impacto sobre o equilíbrio demográfico é importante. Criam-se oportunidades de trabalho no campo e com isso evita-se um êxodo rural anárquico, responsável pelo inchaço de nossas cidades.

Finalmente, um criterioso zoneamento, permite compatibilizar a produção de biocombustíveis com a de alimentos, não só pela seleção de regiões agrícolas, como pela opção de oleaginosas e outros produtos agrícolas.

**Jornalista:** Estão em vista projetos futuros da Petrobras na África?

**Presidente:** As perspectivas são muito positivas. A Petrobras já atua na Nigéria, em Angola, na Guiné Equatorial, na Líbia, na Tanzânia, no Senegal e em Moçambique. Em seu plano de negócios para 2008-2012, estão previstos novos projetos em Angola e na Nigéria. E sei que a empresa tem conversado com Governos e empresas de outros países, na Argélia e na República do Congo. Angola é uma das prioridades da Petrobrás, que está presente no país desde 1979. Mais recentemente, assinou acordo com a Sonangol para a partilha de produção referente a quatro blocos nos quais atuará como operadora pela primeira vez.

**Jornalista:** Como é que o Brasil pode ajudar Angola na diversificação das matrizes energéticas?



**Presidente:** No que diz respeito aos biocombustíveis, o Brasil pode compartilhar sua experiência de mais de trinta anos com o etanol e com seu programa recente de biodiesel. Estamos prontos para receber visitas de missões técnicas dos países africanos e para enviar nossos especialistas à África. Já assinamos diversos acordos de cooperação com esse objetivo e instalamos um escritório africano da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em Gana. Ao mesmo tempo, estimulamos empresas brasileiras do setor a explorar as excelentes oportunidades para investir nesse setor na África

No Brasil, optamos por diversificar nossa matriz energética. Como resultado, também temos investido em outras alternativas energéticas, tais como energia solar, eólica e gás, ademais da hidroeletricidade e a retomada do nuclear. O Brasil está aberto a cooperar com parceiros africanos seja no desenvolvimento seja na implantação de projetos nesses campos

**Jornalista:** Projeto de trocas comerciais Brasil-África em US\$10 bilhões - Como se chegou a este valor e quão perto está de ser alcançado?

**Presidente:** Na verdade, já ultrapassamos essa meta. Entre 2002 e 2006, o intercâmbio entre o Brasil e a África mais do que triplicou, passando de US\$ 5 bilhões para US\$ 15 bilhões. Para isso, foi fundamental a aproximação entre nossos países ao longo das sete viagens que fiz ao continente desde que tomei posse. Em todas essas visitas, me fiz acompanhar de comitiva empresarial interessada em explorar as oportunidades que se abrem com a retomada do crescimento sustentável do Brasil e a estabilização política e econômica em curso na África. Para garantir o continuado dinamismo dessas trocas, precisamos continuar a atuar em duas frentes. Em primeiro lugar, aprofundar a diversificação que estamos operando na pauta das trocas



comerciais. Em segundo lugar, identificar novas potenciais exportações africanas para o Brasil de maior valor agregado.

**Jornalista:** O Sr. Presidente encontrou-se com os representantes de mais de 30 empresas brasileiras em Angola. Que vantagens apresenta o mercado angolano para as pequenas e médias empresas brasileiras?

**Presidente:** O mercado angolano está em franca expansão, tendo em vista o processo de paz e de reconstrução nacional. A economia do país cresce em ritmo admirável. Angola transformou-se num canteiro de obras, com grandes oportunidades para empresas brasileiras, sobretudo as empreiteiras. Mas Angola está necessitada de ampla gama de serviços e bens manufaturados, sobretudo nos setores alimentício, têxtil, informática e capacitação técnica, onde empresas brasileiras de menor porte são altamente competitivas. Por outro lado, quero deixar claro que o objetivo de meu encontro com os empresários não foi só gerar negócios para o Brasil. Queremos estimular a criação de parcerias entre empresas dos dois países. Queremos mais investimentos brasileiros em Angola, assim como investimentos angolanos no Brasil, como já estamos vendo com a presença da Somoil no meu país.

**Jornalista:** Como é que esta visita se enquadra na política de cooperação do G-20, bloco de países em desenvolvimento? Em que plataformas é mais importante atuar, nomeadamente em Angola?

**Presidente:** Minhas visitas à África se enquadram numa política de aproximação com os países em desenvolvimento, em geral, e com os países africanos em particular. Desde o início do meu Governo, em 2003, tomamos medidas para fortalecer as relações e as trocas Sul-Sul. A mais emblemática talvez tenha sido a criação do Foro IBAS (Índia-Brasil-África do Sul). Isso



ajudou, no plano das negociações comerciais multilaterais, à criação do G-20, instrumento que colocou países em desenvolvimento da África, da Ásia e da América Latina em um novo patamar na Rodada Doha: passamos a ser ouvidos e conseguimos incluir nossos pleitos nas negociações. Agora que os entendimentos se encontram em fase decisiva, vamos buscar um resultado favorável para os países do Sul, sobretudo aqueles mais pobres.

**Jornalista:** Assinatura de acordo na África do Sul (comércio livre entre a Índia, África do Sul e Brasil). Como surgiu e qual a relevância deste projeto para o desenvolvimento econômico do Brasil?

**Presidente:** Na verdade, o que estamos propondo é um acordo trilateral entre o Mercosul, a SACU e a Índia. Essa iniciativa deriva da origem mesmo do IBAS, que é a de reforçar a coordenação entre os países do Sul. No âmbito comercial, isso significa aproveitar o crescimento acelerado das trocas Sul-Sul, as oportunidades para investimentos estratégicos e o alto índice de participação de bens de maior valor agregado. O forte crescimento do comércio entre África do Sul, Brasil e Índia - que alcançará US\$ 15 bilhões em pouco tempo servirá de poderoso indutor das trocas entre os três agrupamentos. Esse acordo, aproveitando nossas complementaridades econômicas, comerciais e tecnológicas, formará a maior área de livre comércio do mundo em desenvolvimento. Serão quase um bilhão e meio de pessoas e um PIB de mais de US\$ dois trilhões. É claro que devemos levar em consideração as assimetrias entre as diferentes economias. Por isso, ofereceremos tratamento diferenciado aos países africanos com economias mais vulneráveis.

**Jornalista:** Burkina Faso: o que é que a cooperação entre o Brasil e um país como o Burkina Faso - com um PIB de US\$18 bilhões, 1/10 do orçamento da Petrobrás - pode trazer ao Brasil?



**Presidente:** A economia burquinabê está baseada, em boa medida, em atividades agropecuárias. O Brasil possui um agronegócio competitivo e moderno, líder nas exportações de diversos produtos. Temos também excelentes experiências de agricultura familiar. Estamos dispostos a cooperar nessas áreas, por meio de investimentos e transferência de tecnologia. Queremos trabalhar, em particular, no setor algodoeiro - Burkina Faso é o maior produtor africano de algodão. Podemos compartilhar nossa experiência na produção, escoamento e comercialização do produto. Ao mesmo tempo, na OMC, seguimos trabalhando juntos para combater os subsídios que os países desenvolvidos, oferecem a seus agricultores. Esperamos que a vitória do Brasil na OMC contra a proteção ilegal a cotonicultores de países ricos ajude a evitar novos danos à economia de Burkina Faso.

**Jornalista:** Porque a escolha destes quatro países (Burkina Faso, Angola, República do Congo e África do Sul)?

**Presidente:** Esta é minha sétima viagem à África. Desde 2003, visitei 19 países. No caso de Angola, vim consolidar entendimentos e iniciativas lançados desde o início de meu Governo. Quanto à África do Sul, vim participar da Cúpula do IBAS. No caso de Burkina Faso e a República do Congo, tratou-se da primeira visita de um chefe de Estado brasileiro a esses países. Se fosse possível, gostaria de visitar todos os países do continente até o final do meu mandato para transformar em benefícios concretos as afinidades humanas e históricas que ligam a África e o Brasil.

**Jornalista:** O Sr. Presidente tem criticado os subsídios agrícolas dos países desenvolvidos; como é que isto se enquadra numa política de desenvolvimento?



**Presidente:** A agricultura ficou de fora de negociações comerciais multilaterais anteriores para acomodar políticas e interesses dos países desenvolvidos. Foram estabelecidas regras para os produtos industriais que não se aplicam aos produtos agrícolas. A OMC possui um tremendo déficit agrícola. Não haverá desenvolvimento sustentável no setor agrícola dos países mais pobres enquanto não se corrigirem e eliminarem essas distorções. Só assim os países em desenvolvimento poderão ter maior acesso aos mercados dos países ricos e garantir condições mais vantajosas para participar e auferir benefícios do comércio internacional

**Jornalista:** Para quando será uma outra visita à África? Quais as regiões prioritárias?

**Presidente:** Como já adiantei, pretendo fazer novas viagens à África nos três próximos anos. Quero visitar países que ainda não receberam um chefe de Estado brasileiro e que oferecem grande potencial para incrementar as relações bilaterais. Mas também pretendo voltar a outros países para consolidar as relações que já estabelecemos. Evidentemente, os países da CPLP sempre merecem uma atenção detida por força do relacionamento histórico e cultural especialmente estreito que nos unem.

(\$31HKMP)